

A DIALÉTICA DO COMEÇO NA LÓGICA DE HEGEL

Mailson Bruno de Queiroz Carneiro Gonçalves*

Eduardo Ferreira Chagas*

Resumo: O objetivo deste artigo é expor as determinações mais primárias da *Lógica* hegeliana a partir do sistema de mediações imanentes ao ser. Segundo a filosofia dialético-especulativa, o estatuto necessário do começo deve apresentar um caráter lógico-ontológico e assumir o movimento como núcleo de toda efetividade (*Wirklichkeit*), desde a contradição entre ser e nada que subjaz o puro intuir até as formas mais desenvolvidas do absoluto. O ponto de partida de Hegel é o indeterminado, que existe apenas como operação lógico-abstrata ou representação fixada no pensar, sem qualquer pressuposto ou arbitrariedade deletéria. Absolutamente vazio, sem conteúdo e indiferente, o puro ser é indubitavelmente o verdadeiro começo.

Palavras-chave: Lógica. Começo da Dialética. Hegel.

THE DIALECTIC OF THE BEGINNING IN HEGEL'S LOGIC

Abstract: The aim of the article is to expose the most primary determinations of Hegel's *Logic* starting from the system of mediations of being. According to dialectical-speculative philosophy, the necessary status of the beginning must have a logical-ontological character and it must assume movement as the nucleus of all actuality (*Wirklichkeit*), from the contradiction between being and nothing which is involved in pure intuition to the most developed one characterizing the absolute. Hegel's starting point is indeterminacy, which exists only as a logical-abstract operation or

* Doutorando em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará (UFC), Mestre em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará (UFC), Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela Universidade de Fortaleza (Unifor), graduado em História pela Universidade Federal do Ceará (UFC), graduando em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE) e colaborador do Grupo de Estudos Marxistas, ligado à Universidade Federal do Ceará (UFC), ao Conselho Nacional de Desenvolvimento e Pesquisa (CNPq) e coordenado pelo Professor Dr. Eduardo Ferreira Chagas. E-mail: bruno.qcg@outlook.com.br; C.V (Lattes): <http://lattes.cnpq.br/8321960350219070>

* Possui Graduação em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará (1989), Mestrado em Filosofia pela Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais (1993), Doutorado em Filosofia pela Universität Kassel (Alemanha) (2002) e Pós-Doutorado em Filosofia pela Universität Munster (Alemanha) (2018-2019). É professor efetivo (Associado 4) do Curso de Filosofia e do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal do Ceará - UFC, professor do Programa de Mestrado Profissional em Filosofia (PROF-FILO) e professor Colaborador do Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da FAGED - UFC. Atualmente, é Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq (PQ nível 2); é Editor da Revista *Dialectus* (<http://www.revistadialectus.ufc.br/index.php/RevistaDialectus/about/editorialPolicies#sectionPolicies>). E dedica suas pesquisas ao estudo da filosofia política, da filosofia de Hegel, do idealismo alemão e de seus críticos, Feuerbach, Marx, Adorno e Habermas. Outras informações acesse a homepage: www.efchagas.wordpress.com. É membro da Internationale Gesellschaft der Feuerbach-Forscher (Sociedade Internacional Feuerbach).

representation fixed in thinking, without any deleterious assumption or arbitrariness. In so far as it is absolutely empty, without content and indifferent, pure being is undoubtedly the real beginning.

Keywords: Logic. Beginning Dialectic. Hegel.

INTRODUÇÃO

O começo da filosofia, que tem sido objeto de especulação desde os pré-socráticos, representa em Hegel a indivisibilidade entre ser e nada, afirmação e negação, lógico e ontológico. Como puro intuir, a verdade do absoluto, do todo, está na unidade entre dois polos, cuja existência pressupõe a mediação do outro. O puro ser, que resguarda a contradição nele mesmo e subjaz todas as determinações que lhe são posteriores, corresponde ao fundamento do sistema dialético-especulativo, portanto a relação e a contradição entre opostos, que impulsionam o absoluto originário, consistem no princípio da diversidade.

A tentativa de começar por algo determinado resultou em arbitrariedades que negligenciaram a contradição entre ser e nada como germe de todo conteúdo já constituído. A abstração positivo-negativa demonstra que o verdadeiro começo é puramente conceitual, igual a si, imediato e contraditório. Segundo Chagas (2005, p. 02), “o puro ser ou, melhor expresso, com o conceito do ser ou com o ser abstrato, vazio mesmo”, quer Hegel “assentar o primeiro princípio da filosofia, o primeiro cientificamente”. Trata-se aqui da perfeita unidade inicial do absoluto, ou seja, da íntima relação ou da interdependência entre ser e nada, não como determinados, mas como nulidade plena, como uma totalidade indissociável e necessária, cuja inquietude se expressa no devir (*werden*), isto é, no ir além do repouso que paira sobre o indeterminado. De acordo com Back, “o processo de determinação é um processo constante de interiorização na direção do conceito, o que rompe também com a noção de essência fixa. A própria noção de sistema implica que o começo e o fim estão intrinsecamente ligados à lógica pressuposta desse sistema” (2010, p. 10).

Desse modo, a pluralidade dos finitos na infinitude pressupõe a contradição entre ser e nada, a passagem de um para o outro no interior do absoluto em sua condição

mais elementar, primária, restrita ao puro conceito, sem qualquer conteúdo que possa contrapô-la a algo já constituído, determinado. Através do movimento imanente ao universal, o ser, desde sua origem até suas determinações mais complexas, é concebido na relação com a alteridade, de modo que o sistema de mediações consiste na verdade do todo.

1. - O COMEÇO DA LÓGICA DIALÉTICA DE HEGEL – O SER, O NADA E A UNIDADE DE AMBOS, O DEVIR:

Hegel inicia a exposição lógico-ontológica do real e suas contradições a partir do ser, pois todas as dúvidas que possam surgir acerca do verdadeiro começo desvanecem quando o ponto de partida consiste no imediato indeterminado, destituído de conteúdo, abstrato, vazio, porém necessário, uma vez que o ser igual a si mesmo é indubitavelmente a origem de tudo aquilo que é. De acordo com Hegel (2016, p. 92), “o remeter do ser *particular finito* ao ser enquanto tal em sua universalidade totalmente abstrata precisa ser considerado como a exigência teórica e até mesmo prática primeiríssima”, pois a ausência de pressupostos é uma necessidade do começo.

O ser, na concepção hegeliana, constitui, dessa forma, a gênese da estrutura lógico-ontológica do real, cujo movimento dialético equivale em seu estágio mais elementar à relação entre ser e nada, ou seja, à existência do ser idêntico a si mesmo, sem nenhuma determinação ulterior, conservando a diferença positivo-negativa que lhe é correspondente. “O ser da *Lógica*, pensando na possibilidade ou unidade de todos os entes, é um afirmativo, um positivo, mas, como dissolução e negação de toda determinação, ele é, simultaneamente, um negativo, como que um nada, o nada mesmo” (CHAGAS, 2005, p. 2). O puro ser, em sua completa indiferencialidade, é igual ao nada, isto é, um intuir puramente conceitual, sem diversidade interior nem exterior. Segundo Hegel (2014, p. 85), “o ser, o imediato, indeterminado, é, de fato, *nada* e nem mais e nem menos do que nada”, quer dizer, sua verdade corresponde a um pensar vazio, portanto “nada é, com isso, a mesma determinação ou, antes, ausência de determinação e, com isso, em geral, o mesmo que o ser puro é” (HEGEL, 2016, p. 85).

Assim, o começo da lógica dialético-especulativa resguarda a identidade dentro da diferença imanente à unidade entre ser e nada, pois a verdade de cada um consiste na contradição latente do absoluto indeterminado, que se manifesta no devir. Segundo

Hegel (2016, p. 86), “O puro ser e o puro nada são, portanto, o mesmo. O que é a verdade não é nem o ser nem o nada, mas que o ser não passa, mas passou para o nada e o nada não passa, mas passou para o ser”, portanto o ser pressupõe⁹⁰ o nada, assim como o nada pressupõe o ser, contemplando um movimento cujo impulso reside na contradição.

A proposição metafísica “do nada, nada vem” (*ex nihilo nihil fit*) consiste numa tautologia que transforma o nada numa identidade vazia, sem movimento e dissociada do puro ser. O devir, por outro lado, corresponde à manifestação da unidade positivo-negativa do indeterminado, de modo que o começo da lógica dialético-especulativa conserva o nada como momento de uma totalidade indivisível. “O devir contém que nada não permaneça nada, mas para seu outro, para o ser” (HEGEL, 2016, p. 87), de modo que a negação do puro intuir está também em sua afirmação. Não se trata do nada oposto a algo, nem do isolamento do nada e da incapacidade de concebê-lo especulativamente, numa operação lógica abstrata, sempre fazendo referência a algo determinado, que nega o ir para além como determinação primeiríssima do verdadeiro começo e impede o surgimento do ser aí, do ser determinado. A coexistência entre as partes do todo uno e indivisível está contida na identidade da diferença bem como na diferença da identidade, uma vez que a indeterminação é comum aos termos ser e nada, que equivalem à relação positivo-negativa universal. Ser e nada, igualmente definiens e definiendum, são inseparáveis e imediatamente o mesmo.

Já que esta unidade de ser e nada enquanto verdade primeira, a partir de agora está, de uma vez por todas, no fundamento e constitui o elemento de todo o subsequente, então, todas as determinações lógicas posteriores além do próprio devir: ser-aí, qualidade, [e] em geral, todos os conceitos da filosofia, são exemplos dessa unidade (HEGEL, 2016, p. 88).

Desse modo, a unidade entre ser e nada enquanto princípio lógico-ontológico do sistema de mediações categoriais cujo desenvolvimento é resultante da contradição que lhe é imanente consiste no princípio indubitável de tudo aquilo que é, ou seja, a coexistência entre ser e nada e a passagem de um para o outro correspondem à verdadeira natureza do começo.

⁹⁰ Decidimos usar o verbo pressupor para designar a relação entre ser e nada porque a verdade de um é a existência do outro.

Na medida em que, agora, a proposição: “*Ser e nada são o mesmo*” enuncia a identidade destas determinações, contendo, contudo, também de fato, ambos como diferentes, contradiz a si dentro de si mesma e se dissolve. Se nós fixamos isto de modo mais preciso, então, fica assim posta aqui a proposição que, considerada mais de perto, tem o movimento de desaparecer por meio de si mesma. Com isso, porém conhece nela mesma aquilo que deve constituir seu próprio conteúdo, a saber, o *devoir* (HEGEL, 2016, p. 94).

A relação idêntico-diferente entre ser e nada e a passagem de um para outro equivalem à verdade especulativa sobre o começo; portanto, compreendê-lo segundo a unilateralidade abstrata⁹¹, um sem o outro, ou um só negando o outro, é negar a contradição imanente ao absoluto e suas próprias determinações ulteriores “Por unidade seria melhor dizer apenas como *não separação e inseparabilidade*; porém, com isso, o *afirmativo* da relação do todo não é expresso” (HEGEL, 2016, p. 95). O *devoir*, como primeira manifestação da unidade entre ser e nada, corresponde apenas à dissolução simultânea de ambos, isto é, ao desvanecer da relação positivo-negativa indeterminada. No mesmo sentido, diz Hegel (2016, p. 95): “Assim, o resultado todo, verdadeiro que surgiu aqui é o *devoir*, o qual não é meramente a unidade unilateral ou abstrata do ser e do nada”.

Desse modo, ser e nada correspondem a uma totalidade que não é determinada, mas indeterminada, não é estática, mas dinâmica, não é fixa, mas contraditória. Hegel (2016, p. 98), refletindo sobre as controvérsias do começo, ressalta que: “Devem-se levar em consideração alguns fenômenos que surgem quando o ser e o nada são isolados um do outro e um é posto fora do âmbito do outro, de modo que, com isso, o passar está negado”. Portanto a negação da indiferencialidade imanente ao ser vazio e abstrato, equivalente ao princípio de tudo aquilo que é, está contida na própria determinação, uma vez que ela dependeria do seu oposto e não consistiria no imediato, isto é, no verdadeiro começo. De modo igual, excluir o nada da relação com o ser impede o *devoir* mediante contradição interna, pela qual o absoluto supera o repouso e se desdobra de forma progressiva.

O *devoir*, isto é, a evanescência da contradição entre ser e nada, corresponde ao resultado da passagem de um termo para outro, pois, conforme diz Hegel (2016, p. 97), “a unidade, cujos momentos, ser e nada, são como inseparáveis, é, ao mesmo tempo,

⁹¹ Parmênides, por exemplo, concebe o ser independente do nada e sem contradição.

diversa deles mesmos; assim, um *terceiro* frente a eles, o qual, em sua forma mais peculiar, é o *dever*". A oposição constitutiva da totalidade primária ou o movimento das categorias mais imediatas do ser consiste na verdade do dever.

O dever, nascer e perecer, é a inseparabilidade do ser e do nada, não a unidade que abstrai do ser e do nada, mas, como unidade *do ser e do nada*, ele é esta unidade *determinada* ou a unidade na qual tanto o ser quanto o nada é. Mas, na medida em que ser e nada são inseparados de seu outro, cada um deles *não é*. Eles *são*, então, nessa unidade, mas como desaparecentes, apenas como *suprassumidos*. Eles decaem de sua *autossubsistência* inicialmente representada para *momentos, ainda diferentes*, porém, ao mesmo tempo, *suprassumidos* (HEGEL, 2016, p. 109).

A contradição entre ser e nada, enquanto unidade entre os opostos e movimento entre nascer e perecer, corresponde à verdade do universal vazio, isto é, à totalidade necessária ao dever, portanto a simbiose entre ser e nada equivale à relação idêntico-diferente imanente ao absoluto indeterminado, sucessivamente diluído e conservado pelo dever. Os momentos do puro intuir, cuja verdade está na própria relação positivo-negativa, desvanecem no ser aí, que se exterioriza e adquire conteúdo determinado, finito, qualitativamente distinto. A nulidade do começo, concebida apenas como operação lógico-especulativa, é suprassumida. Hegel (2016, p. 112) acrescenta que: "Ser é ser e nada, é nada apenas em sua diferencialidade um do outro; na verdade deles, porém, na unidade deles, desapareceram como essas determinações e são agora algo outro".

2. O SER AÍ, O SER DETERMINADO – A QUALIDADE

O ser aí, em sua singularidade, é ser determinado, finito, um existente resultante da contradição entre ser e nada. A forma mais simples e imediata do absoluto indeterminado é o ser aí como tal, ou seja, algo que é somente na unidade com o não ser, uma identidade da diferença, uma totalidade entre afirmação e negação, pois ser aí é algo na relação com outro já constituído, sua determinação pressupõe igualmente o nada determinado⁹². A verdade do ser aí, esse desdobramento do universal, isto é, do dever, é a determinação externa, que suprassumiu a nulidade do absoluto em repouso.

⁹² A dialética que subjaz ser e nada no puro intuir tem como diferença, caso seja considerada a relação do ser aí com o outro, a determinação. No primeiro caso, temos somente abstração, operação lógico-especulativa; no outro, algo qualitativamente distinto.

A determinidade ainda *não se desvinculou do ser*; com efeito, ela também não mais se desvinculará dele, pois aquele verdadeiro que agora está no fundamento, é a unidade do não ser com o ser, sobre ela como fundamento surgem todas as determinações ulteriores (HEGEL, 2016, p. 115).

O ser aí, enquanto múltiplo do uno, diferença da unidade ou finito do infinito, é qualidade, determinação posta mediante a contradição entre ser e nada. Embora seja algo, um inteiramente simples e abstrato, o ser aí é na relação com o nada, sua identidade corresponde exatamente à negação da negação, à determinação negativa, ao ser dentro de si, pois, segundo Hegel (2016, p. 123), “algo se *conserva* no seu ser aí; é essencialmente *um* com ele e essencialmente *não um* com ele. Logo, ele está *em relação* com o seu ser outro; esse não é puramente seu ser outro”. O ser aí encerra nele mesmo o não ser, suas determinações são simultaneamente para si e para outro, ou seja, sua finitude é conjuntamente afirmação e negação. A contradição entre ser e nada que subjaz o puro intuir resulta em algo idêntico a si pela diferença; afirmação e negação representam uma unidade positivo-negativa já determinada, de modo que a igualdade interior do ser aí pressupõe o outro que lhe é contraposto. Conforme diz Hegel (2016, p. 124), “ser para outro e ser para si constituem os *dois momentos* do algo. São *dois pares* de determinações que ocorrem aqui: 1) *algo e outro*; 2) *ser para outro e ser em si*. Desse modo, o ser aí é a própria coisa em si mediada pelo outro, seu conteúdo constitui a negação da exterioridade, portanto igual ou refletido em si.

Ser em si e ser para outro são, inicialmente, diversos; mas que algo tenha *aquilo mesmo que ele é em si* também *nele* e, inversamente, o fato de que aquilo que ele é como ser para outro seja também em si, - isto é a identidade do ser para outro, conforme a determinação de que o próprio algo é um e o mesmo de ambos os momentos e de que eles são, então não separados nele (HEGEL, 2016, p. 125).

O ser aí, a determinação mais imediata do devir, ou seja, da contradição entre ser e nada, corresponde à finitude do vir a ser, pois o que era pura abstração tornou-se algo. Refletido nele mesmo, o ser aí é igual em si, sua existência contempla simultaneamente ser e nada, afirmação e negação, finitude e infinitude. Desse modo, o ser aí posto nele mesmo é ser para si, totalidade lógico-ontológica que, destituído da mediação, é universal. Recluso nele mesmo, o ser para si é absoluto, uma determinação cuja identidade não pressupõe a negação, portanto uma finitude infinita. O ser para si, enquanto qualidade plenamente realizada ou ser aí posto como refletido em si, é limite

inteiramente abstrato de si. Segundo Hegel (2016, p. 164), “o outro é nele apenas como um supracumido, como *seu momento*; o ser para si consiste em ter ido além da barreira, além do seu ser outro, de modo que ele, enquanto essa negação, é o *retorno* infinito para dentro de si”.

O ser refletido em si, isto é, conceito dele mesmo pela negação daquilo que lhe é externo, é uno. A unidade entre ser aí e ser para si parece revelar o universal, mas sua infinitude desvanece quando a mediação do outro é posta. Embora identidade e diferença constituam uma totalidade, o uno retorna para dentro de si mediante a repulsão e se torna um absoluto aparente. Segundo Hegel (2016, p. 165), “o ideal é necessariamente *para uno*, mas não é para um *outro*; o uno, para o qual ele é, é apenas ele mesmo”.

Dessa maneira, o uno, essa unidade simples entre ser em si e ser para si, é a pura determinação negativa conservada internamente, relação abstrata da repulsão consigo mesma, identidade vazia e sem mediação, completa vacuidade externa. No mesmo sentido, diz Hegel (2016, p. 171): “Nele mesmo, o uno em geral é; esse seu ser não é nenhum ser aí, nenhuma determinidade com relação com outro, nenhuma constituição; ele é isto: ter negado esse círculo de categorias”.

O uno recluso nele mesmo é pura indiferencialidade dentro de si, ser geral, inteiramente vazio, sem mediação do outro, unidade abstrata, portanto sem movimento e conteúdo. “Ele é indeterminado, contudo, não mais como o ser; sua indeterminidade é a determinidade que é relação consigo mesma, ser determinado absoluto; ser dentro de si *posto*” (HEGEL, 2016, p. 171), portanto sua existência é autodeterminação infinita, cuja qualidade é representada na imediatidade. A referência a si imanente ao uno parece, como já foi expresso, uma infinitude, realização plena do universal, contudo, a relação entre ser em si e ser para si encontra sua verdade fora dela, uma vez que o outro é a mediação para o conceito de si.

O ser para si do uno é, porém, essencialmente a idealidade do ser aí e do outro; ele não se relaciona como com um outro, mas meramente *consigo*. Mas, na medida em que o ser para si está fixado como uno, como *ente* por si, como *imediatamente* presente, sua relação *negativa* consigo, ao mesmo tempo, relação com um *ente*; e, já que ela também é muito negativa, aquilo com o qual ele se relaciona permanece determinado como um *ser aí* e um *outro*; como essencialmente relação

consigo mesma, o outro não é a negação indeterminada, como vazio, mas é igualmente *uno*. O uno é, com isso, *devir para múltiplos unos* (HEGEL, 2016, p. 174).

A totalidade entre ser aí e ser para si é mediada pela relação indivisível entre uno e múltiplo, finito e infinito, singular e universal, pois o igual em si, essa identidade entre ser e pensar, emerge da contradição entre repulsão e atração, portanto a autossuficiência dos momentos seria pura abstração: enquanto repulsão por si seria mera dispersão, desvanecer da mediação necessária à unidade entre ser aí e ser para si, atração permanente resultaria num infinito vazio, um uno inerte, sem a negação que lhe é constitutiva. “A repulsão do uno de si mesmo é a explicação do que o uno é em si; a infinitude, mas infinitude colocada como [ser de] um fora do outro, é aqui a *infinitude que veio para fora de si*” (HEGEL, 2016, p. 175). O ser para si do uno, perfeita relação consigo mesmo mediante o suprassumir do outro, é igualmente negação e afirmação, um voltar para si do finito pela infinitude, portanto o movimento do uno limitante consiste no repelir que atrai a diferença para si. Repulsão e atração parecem termos excludentes, que se manifestariam segundo a proposição heracliteana “tudo flui”, na qual há alternância dos contrários, porém a verdade de uma é a existência da outra.

Na medida em que se partiu da repulsão dos unos que são aí, também a atração está posta, com isso, como tal que chega externamente nela, ambas estão, na sua inseparabilidade, ainda mantidas uma fora da outra como determinações diversas; entretanto, resultou que, não meramente a repulsão é pressuposta pela atração, mas também ocorre a relação retroativa da repulsão com a atração e aquela tem nessa igualmente sua pressuposição (HEGEL, 2016, p. 182).

3. – O SER PARA OUTROS - A QUANTIDADE

A quantidade corresponde à relação entre uno e múltiplo, finito e infinito, particular e universal. A unidade da diversidade, essa síntese imanente à dialética do absoluto, é o ir além do ser voltado para si, refletido nele mesmo e inteiramente singular. Desse modo, a quantidade equivale à pluralidade, isto é, à totalidade entre contínuo e descontínuo, pois o ser é mediante a atração e a repulsão. De acordo com Hegel (2016, p. 197), “a continuidade [*Stetigkeit*] é igualdade consigo mesmo, mas do múltiplo que, porém, não se torna excludente; apenas a igualdade consigo mesma estende a repulsão, até a continuidade”.

A relação idêntico-diferente está plenamente realizada por meio do ser suprassumido, uma vez que a igualdade pressupõe a alteridade posta fora dele, portanto atração e repulsão correspondem ao movimento que surge da contradição entre as partes e o todo. O finito voltado para si é um contínuo na descrição da infinitude, ser cuja grandeza é limite na relação com o universal, portanto determinação frente à pluralidade externa ou separação que suprassume a diferença nele mesmo. A permanência do finito no infinito transforma a quantidade numa grandeza cuja verdade imediata é a unidade entre contínuo e descontínuo, mas, por se tratar de momentos da totalidade, o imediato não é estático e *per se*, mas dinâmico e recíproco. Segundo Hegel (2016, p. 211), “a quantidade é ser de um fora do outro em si, e a grandeza contínua é este ser de um fora do outro como tal que se continua sem negação, como uma conexão em si mesma igual”.

A quantidade pura, enunciada enquanto momento da exposição dialético-especulativa, torna-se mera aparência conforme o desenvolvimento lógico-ontológico do sistema hegeliano, isto é, mediante a determinação progressiva do ser, pois a pluralidade equivale à relação entre a diversidade dos unos, cujo fundamento é o limite. No mesmo sentido, diz Hegel (2016, p. 213): “Esse limite, além de estar relacionado com a unidade e de ser a negação *na mesma*, está *relacionado*, enquanto uno, *também*; assim, ele é limite que circunscreve e que inclui”. Desse modo, a quantidade pura, em princípio mera pluralidade sem determinação, torna-se um *quantum* ou uma diferença na multiplicidade. Segundo Hegel (2016, p. 215), “o quantum – *inicialmente* quantidade com uma determinidade ou limite em geral – é, na sua determinidade perfeita, o *número*”.

A quantidade, essa relação entre o singular e o universal mediada pela contradição entre atração e repulsão, apresenta uma determinação que lhe é imanente, própria do ser aí, uma vez que a parte emerge do todo, o finito do infinito, o uno do múltiplo, o limitado do ilimitado, ou seja, o *quantum* é mediado segundo a perfeita reciprocidade entre contínuo e descontínuo. O uno limitante, isto é, o ser determinado, corresponde à verdade do *quantum*, mas somente enquanto um ser aí para si e para outros, pois, conforme afirmou Hegel (2016, p. 215), “este uno é, portanto, o princípio do quantum, mas o uno *como* [uno] *da quantidade*”.

O limite do ser aí, fronteira da finitude na infinitude, é simultaneamente um contínuo e descontínuo, pois, enquanto relação consigo mesmo, corresponde à sua determinação particular, mas sua unidade não é absoluta, mas relativa. No mesmo sentido, diz Hegel (2016, p. 216): “O ser posto completo está no ser aí do limite como *pluralidade* e, com isso, no seu ser diferenciado da unidade”, portanto o número, essa grandeza contínua descontínua, resulta da contradição entre atração e repulsão imanente às partes que constituem o todo, ele é o uno voltado para dentro de si mediante o outro suprasumido.

O quantum, apenas como tal, é limitado em geral; seu limite é determinidade abstrata, simples do mesmo. Mas na medida em que ele é número, esse limite está posto como *múltiplice dentro de si mesmo*. Ele contém os múltiplos unos, que constituem seu ser aí, porém, não os contém de modo indeterminado, mas a determinidade do limite cai neles; o limite exclui outro ser aí, isto é, outros múltiplos, e os unos circunscritos por ele são uma quantia determinada, o *valor numérico*, em relação com o qual, como com a discricção, como ela é no número, o outro é a *unidade*, a continuidade do mesmo. *Valor numérico e unidade* constituem os *momentos* do número (HEGEL, 2016, p. 216).

Desse modo, o uno é valor numérico, uma quantidade cuja existência pressupõe a mediação dos diferentes, uma vez que sua unidade corresponde à infinitude múltipla suprasumida pelo ser aí. Enquanto determinação frente à totalidade, o uno é limite para si e para outro, pois enquanto grandeza extensiva, ele é parte do contínuo descontínuo. No mesmo sentido, diz Hegel (2016, p. 232): “Ao fato de que ele seja como quantum determinado pertence o reunir dos múltiplos em uno, pelo qual eles são postos identicamente ao limite”.

O número, essa determinação quantitativa do ser aí, é uma grandeza cuja totalidade contempla simultaneamente o uno e sua identidade, isto é, o valor numérico na sua relação com a infinitude limitante bem como o seu ser para si. A igualdade do uno é ser refletido em si, conceito dele mesmo, indiferença frente aos outros ou grandeza intensiva, cuja verdade é a mediação necessária entre o singular e o universal, a parte e o todo.

O uno apenas voltado para si e destituído da relação com a infinitude desvanece ao concebê-lo enquanto expressão da multiplicidade suprasumida, ou seja, da grandeza extensiva como momento da interioridade. No mesmo sentido, declara Hegel (2016, p.

235): “Grandeza extensiva e intensiva são, portanto, uma e a mesma determinidade do quantum; elas são diferentes apenas pelo fato de que uma tem o valor numérico como dentro de si, a outra tem o mesmo, o valor numérico como fora dela”.

4. A UNIDADE DO SER ENQUANTO QUALIDADE E QUANTIDADE – O GRAU

A existência do grau reside no número, uma vez que a grandeza intensiva pressupõe a grandeza extensiva, e o número, essa quantidade determinada, não está destituído da relação consigo mesma, portanto a negação da diferença entre os momentos do uno limitante corresponde à verdade do finito que desaba na infinitude. Desse modo, o limite é a determinação posta que prossegue para além de si, impedindo a inércia do ser ao fixar uma relação entre o particular e o universal, pois, conforme diz Hegel (2016, p. 240), “ele consiste no fato de se aumentar e se diminuir; ele é a exterioridade da determinidade nele mesmo”.

Desse modo, o *quantum* restabelece o universal mediante a negação de si, isto é, do dever ser, pois a diferença entre número e grau decorre da reposição infinita do finito, uma vez que a extensão voltada para si é uno limitante. Em princípio, o ser para si do *quantum* é indiferente, mas o conceito de si não nega a pluralidade que o circunscreve, pois a grandeza intensiva pressupõe a grandeza extensiva enquanto progressão para além de si.

A verdade do finito, como uno limitante idêntico a ele mesmo, pressupõe a infinitude da diferença, pois somente na diversidade o ser é grandeza extensiva dentro de si, isto é, pela suprassunção do outro, é relação consigo mesmo. “Ele é justamente *ele mesmo* pelo seu exterior; a exterioridade constitui aquilo pelo qual ele é quantum, pelo qual ele está junto de si mesmo. No progresso infinito está *posto*, portanto, o *conceito* do quantum” (HEGEL, 2016, p. 255). Através da repulsão, movimento inscrito na relação entre particular e universal, o *quantum* se põe pela continuidade e retorna para si como unidade perfeita no conceito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A contradição entre ser e nada representa, no interior do sistema dialético-especulativo, o princípio indubitável e necessário da diversidade, despojado de arbitrariedade filosófica e anterior a qualquer conteúdo já constituído. Além de

fundamentar o começo segundo o puro intuir, a Lógica aponta os riscos da fixidez e da unilateralidade para o conhecimento, uma vez que o universal é dinâmico e contraditório. Conforme diz Chagas (2005, p. 04), “Hegel parte não da natureza, do ser real, sensível, mas do conceito geral do ser, do ser abstrato, pois o ser, com o qual ele começa a Lógica, é em si mesmo e não contém para si qualquer ponto de partida concreto na realidade”.

O imediato, devido à sua perfeita vacuidade, revela a insuficiência do começo pelo ser distinto, que se contrapõe ao conjunto dos singulares no infinito, portanto a ausência de pressupostos, que obstruem o conceito em sua necessidade metódica, corresponde à verdade primária do real. Conforme diz Hegel (2016, p. 45), “em nenhuma ciência se sente mais fortemente a necessidade [Bedürfnis] de iniciar, sem reflexões preliminares, da própria Coisa do que na ciência da lógica”.

O absoluto indeterminado, em face da inquietude que lhe é irreversível, supera a relação idêntico-diferente entre ser e nada revelando a necessidade do movimento para o algo, que, embora esteja num certo lugar, apresenta uma predicação germinal, sem relação com o outro: é ser aí, negação do vazio que se põe para fora de si pelo devir, “o constante nascer-morrer, que faz com que tanto o ser como o nada desapareçam e reapareçam um no outro” (NICOLAU, 2008, p. 70). O repouso da nulidade é superado pelo impulso que subjaz o universal, obedecendo a passagem imperativa do simples para o complexo, ou seja, o puro intuir bem como o movimento que lhe é irreprimível consistem na verdade do começo segundo a *Lógica* de Hegel.

REFERÊNCIAS:

- BACK, João Miguel. **O Problema do Começo da Lógica de Hegel**. Porto Alegre: PUC-RS/Faculdade de Filosofia (Tese de Doutorado em Filosofia), 2010.
- CHAGAS, Eduardo Ferreira. **A Questão do Começo na Filosofia de Hegel**. Revista Eletrônica Estudos Hegelianos. Ano 02, N. 02, p. 01-09, junho. 2005.
- HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Ciência da Lógica: 1. A doutrina do ser**. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária, 2016.

NICOLAU, Marcos Fabio Alexandre. **O Ser como Começo da Ciência: A Ciência da Lógica de Hegel**. Fortaleza: UFC/Instituto de Cultura e Arte (Dissertação de Mestrado em Filosofia), 2008.